

Metafísica e música em Vladimir Jankélévitch: pensar “*sub specie durationis*”

Metaphysics and music in Vladimir Jankélévitch: thinking “sub specie durationis”

Palavras-chave: Jankélévitch; Música; Metafísica, Tempo.

Keywords: Jankélévitch; Music; Metaphysics; Time.

José Manuel Beato

Universidade de Coimbra

jose.beato71@gmail.com

A vertente de melômano, pianista e musicólogo de Vladimir Jankélévitch não pode ser considerada exterior ao seu trabalho filosófico. A experiência musical é, pelo contrário, um modo decisivo de experienciar a “temporalidade encarnada e encantada”, a “criação”, a “efectividade” quoditativa e o plano do “inefável”. Qual a relação entre metafísica e música em Jankélévitch? Como pensar a sua mútua implicação? Tal são as questões genéricas que pretendemos abordar com a presente comunicação

1. Em primeiro lugar, as categorias metafísicas de Jankélévitch reencontram-se no tratamento das questões musicais: o binómio quididade / quodidade, a noção de ipseidade, de “je-ne-sais-quoi”, e de “charme”, mas não como simples projecção dessas categorias, mas porque o filósofo pensa em estreita relação com a experiência musical. Observamos que, a muitos títulos, Jankélévitch, pensa filosoficamente a partir da música

2. Há, por outro lado, uma filosofia da música. Não se trata, porém, de uma exploração do significado extra ou supra-musical da própria música, mas, antes, de uma reflexão e até de uma fenomenologia da experiência musical, do ponto de vista do objecto sonoro musical, do sujeito criador, do ouvinte e das relações que entre eles se estabelece.

A música é, por excelência, o plano da imanência temporal que supera o discurso “mimético-representativo”, mas também os modelos “expressionistas” e “formalistas” que cindem o interior e o exterior, a forma e o conteúdo. Daí o apego a Debussy, Fauré, Mompou e Ravel que superam o construcionismo formal do período barroco tardio, mas também a intenção “programática” do Romantismo. A forma sonora em movimento nada significa para além de si-mesma, não se subordina à transmissão de uma mensagem ou à expressão de algo que lhe seja exterior ou pré-existente.

A vivência musical, entre o “instante” do surgimento e o “intervalo” da continuação é pura manifestação e aparecer, tensão sensível, afluência, fluência e finitude aquém e para além do discurso. Deste modo, co-substancial à música é o silêncio, seu fundo e horizonte originários, sendo que a uma metafísica “meontológica” corresponde uma “estética do inefável” que, não sendo a sua ilustração é, talvez, a sua efectiva realização.

3. Por fim, a obra de Jankélévitch engloba uma componente claramente musicológica,

de análise formal e estilística de obras e compositores. Ou seja, uma estética musical no sentido mais concreto do termo. Os estudos sobre Fauré, Debussy, Liszt são disso claros exemplos

Parte significativa da filosofia de Jankélévitch constitui uma metafísica e antropologia do tempo. Seguindo a lição de Bergson, Jankélévitch procura pensar “*sub specie durationis*”. O tempo entendido como devir - sob a perspectiva da fluida duração e da descontinuidade do instante – constitui o objecto privilegiado da metafísica. O tempo, sendo a essência da música, esta torna-se uma dimensão privilegiada para pensar temporalidade. Por isso, Jankélévitch afirma que “a música dá que pensar”, ou seja, que “a música testemunha do facto de que o essencial em todas as coisas é um “não-sei-quê inapreensível e inefável”¹, semelhante ao “devir” que é o modo de ser de toda a realidade. Não se trata de tomar a música como ilustração de teses especulativas ou como metáforas do discurso metafísico. Trata-se, de algum modo, de “pensar musicalmente”, meditar o tempo sem qualquer especialização e na perspectiva da vivência concreta.

Que modo de pensar é este? Trata-se de um pensamento não analítico-discursivo mas intuitivo: não dialéctico mas concreto, um pensamento pensante que faz corpo com o próprio devir: para além das relações formais e das determinações quiditativas. Um pensamento “*sub specie durationis*” que adere à irreversibilidade do tempo, movimento imanente à própria vida

Assim, a música não coloca-nos em contacto privilegiado com “o objecto por excelência da filosofia” - o tempo, não apenas no sentido metafísico, mas no sentido existencial: “a música faz alusão tacitamente a uma espécie de tragédia longínqua e difusa, a um trágico sem causa que é o trágico da existência; este trágico imotivado é a irreversibilidade do tempo”².

Referências

- JANKÉLÉVITCH, Vladimir. *Quelque part dans l'inachevé*. Paris: Gallimard, 1978.
- _____. *Debussy et le mystère de l'instant*. Paris: Plon, 1976.
- _____. *La Musique et l'Ineffable*. Paris: Le Seuil, 1968.
- _____. *Fauré et l'inexprimable*. Paris: Plon, 1974.
- _____. *Liszt et la rhapsodie: essai sur la virtuosité*. Paris: Plon, 1979.
- _____. *La Présence lointaine: Albeniz, Séverac, Mompou*. Paris: Le Seuil, 1983.
- _____. *La Musique et les Heures*. Paris: Le Seuil, 1988.

1 JANKÉLÉVITCH, Vladimir. *Quelque part dans l'inachevé*. Paris: Gallimard, 1978. p. 24-25.

2 *Idem*. *Ibidem*, p. 268.

